

Nakusha, a indesejável

mulheres oprimidas da Ásia

Laurence Binet

Tradução Paulo Daniel Farah



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



80 páginas

A LUTA DAS MULHERES: A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR ESTE TEMA

Atualmente, a questão de gênero é pauta quase diária em todos os jornais e revistas. Falar sobre a igualdade entre mulheres e homens não é um assunto antigo e datado, muito menos chavão de discursos feministas: é atual e necessário, já que muitas mulheres, no Brasil e ao redor do mundo, continuam sendo exploradas, violentadas e alijadas de seus direitos básicos.

Dessa forma, entrar em contato com relatos de mulheres que moram na Índia e no Afeganistão, como é proposto em *Nakusha, a indesejável*, é de extrema urgência. Não apenas pela possibilidade de o leitor conhecer realidades distantes, mas principalmente por problematizar práticas violentas, hábitos perpetuados ao longo de gerações, justificados pela tradição ou religiosidade, e que não podem continuar acontecendo, já que ferem direitos básicos do ser humano.

Pelos depoimentos de Nakusha e Latifa, duas personagens fictícias, mas que representam centenas de mulheres que são reais, o leitor desmistifica preconceitos e tece conceitos, comparando outras realidades com a que vive em seu cotidiano.



200896275014

REFLETINDO SOBRE A TEMÁTICA

A MULHER NO OCIDENTE – BREVE HISTÓRICO

Em muitas culturas, as mulheres foram alvo de discriminação – e em muitas continuam a ser –, o que significa que são exploradas física e psicologicamente, não possuem os mesmos direitos que os homens e são desvalorizadas como seres humanos. No mundo ocidental, entretanto, desde o século XVIII, com o Iluminismo, teve início uma luta pelos direitos da mulher. A Revolução Francesa (1789-1799) mexeu com os princípios de desigualdade que norteavam a sociedade e, incitadas pelo clima de reivindicações, as mulheres passaram a escrever textos questionando o domínio masculino sobre seus corpos, desejos e vontades.

Em 1791, Olympe de Gouges, revolucionária francesa, publicou *Os direitos da mulher e da cidadã*, no qual questionou o direito masculino de oprimir as mulheres e defendeu a idéia de que, a exemplo do que acontecia com os homens, as mulheres deveriam ter direitos a liberdade, propriedade e segurança garantidos. Dois anos mais tarde, ela foi executada pelo comando revolucionário e as mulheres foram impedidas de participar da luta política.

Já no século XIX, os combates pelos direitos femininos assumiram um caráter fortemente político e a luta dirigiu-se para a conquista do direito de voto e de melhores condições de trabalho. Somente em 1928, depois de mais de cem anos do início do movimento feminista, as mulheres conquistaram o direito de voto na Grã-Bretanha.

No Brasil, o direito sufragista se deu apenas em 1932. Ao longo de todo o século XX, as conquistas femininas foram ampliadas, sobretudo, nos países ricos do mundo ocidental, mas, mesmo nesses locais, a discriminação contra a mulher ainda é uma realidade cotidiana. Inúmeros estudos mostram, por exemplo, que mulheres em geral ganham menos que os homens.

Nas regiões pobres do mundo, a situação da mulher é agravada pelas condições de vida precárias. A falta de acesso à educação marca a vida dos mais desfavorecidos e as mulheres são, infelizmente, as maiores vítimas dessa situação.

Em meio a tantas injustiças, a conscientização pelos direitos da mulher vem crescendo cada vez mais. Em boa parte dos países ocidentais, elas ocupam cargos de destaque nas empresas e mesmo na vida pública.

Ainda há muito por se fazer para que a discriminação de gênero seja coisa do passado. Vale ressaltar que os avanços alcançados foram o resultado de constantes mobilizações de incansáveis mulheres que lutaram para que esses direitos fossem respeitados por todos.

O QUE É PATRIARCALISMO?

O patriarcalismo está na base da discriminação feminina. É um sistema de organização social no qual predomina a autoridade masculina e as mulheres são consideradas submissas e inferiores ao homem. No sistema patriarcal, os homens detêm direitos que são negados às mulheres e as relações de poder entre os sexos são essencialmente desiguais. É caracterizado pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e os filhos no âmbito familiar.

Tal autoridade permeia toda a organização da sociedade, do sistema de produção e de consumo, da política, da legislação e da cultura.

A MULHER NO ORIENTE

Há, todavia, regiões do mundo onde a situação da mulher continua sendo degradante. Humilhadas, abusadas física e psicologicamente, muitas têm ousado desafiar regimes políticos violentos na tentativa de garantir para si e para as futuras gerações uma vida mais digna e plena de direitos e realizações. *Nakusha, a indesejável* traz dois relatos que confirmam o que sofrem algumas mulheres em países como a Índia e o Afeganistão – lugares onde a violência contra o ser humano é muitas vezes aceita por seu caráter tradicional e religioso.

Certamente não podemos tomar os depoimentos como universais: nem todas as mulheres são tratadas com desrespeito e a patrulha da mídia e das organizações que lutam pelos direitos humanos tem obtido avanços para que as mulheres tenham assegurados seus direitos.

MERGULHANDO NO LIVRO

A POSIÇÃO DA MULHER NA ÍNDIA

A história da Índia é riquíssima e tem mais de quatro mil anos. O país é composto por várias etnias que se espalham por seu imenso território e formam a segunda maior população do mundo, atrás somente da China. Nas últimas décadas, tem se destacado no panorama econômico mundial graças ao seu acelerado processo de crescimento econômico. Apesar do avanço na economia, a Índia é ainda um dos países mais pobres do mundo e apresenta graves problemas de saneamento básico, saúde pública, analfabetismo e discriminação contra a mulher.

A situação da mulher nesse país é reforçada pela crença da religião hindu – praticada por grande parte da população – na inferioridade da mulher em relação ao homem. Pode-se atestar isso, por exemplo, nas cerimônias de cremação, nas quais apenas os homens podem acender a pira funerária dos pais e libertar seus corpos para a vida eterna. As mulheres são depreciadas e encaradas como um peso morto pelas famílias que comemoram alegremente o nascimento dos filhos homens e lamentam a desgraça de ter filhas.

Os avanços da medicina têm ajudado a Índia a conquistar um dos menores índices de nascimento de mulheres do mundo. O censo realizado no país em 2001 mostra que para cada 927 mulheres nascem mil homens. A média mundial de nascimento de mulheres é de 1.050 para cada mil homens. Esse quadro tem se agravado nos últimos anos, pois empresas, sem autorização legal, realizam ao custo de dez dólares, exames de ultra-som para que as

AS CASTAS

Se a vida das mulheres indianas no geral é terrível, ela ainda é pior para as que pertencem às castas inferiores, como as *dalit*.

Os hindus seguem um sistema estrito de castas, que determina o *status* de cada pessoa na sociedade; assim, o lugar do indivíduo é um dado hereditário. Esse sistema começou a vigorar em 850 a.C. Os membros de uma casta fazem parte da mesma etnia, profissão e religião.

Os *dalit* são trabalhadores domésticos e responsáveis por tarefas consideradas indignas, como a de limpar excrementos e carcaças de animais nas ruas. As mulheres dessa casta são maltratadas e violentadas. Trabalham muito mais que os homens *dalit* e ganham muito menos que eles. Em termos sociais, são consideradas inferiores aos cachorros e “intocáveis”, por serem impuras, mas, ainda assim, têm sido exploradas sexualmente e são as maiores vítimas da aids no país.

Atualmente, em razão da entrada das mulheres no mercado de trabalho, a situação de opressão em que vivem tornou-se mais evidente. A saída da esfera doméstica descortinou os graves problemas de discriminação de toda ordem e a violência à qual estão submetidas. Grupos de defesa dos direitos da mulher, organizações não-governamentais de várias partes do mundo têm denunciado a situação feminina na Índia, e movimentos, amparados pela Organização das Nações Unidas (ONU), começaram a se organizar para mudar esse quadro e exigir uma vida digna para as mulheres do país.

mulheres possam saber, antes do nascimento do bebê, se carregam em seu ventre meninos ou meninas. Caso estejam grávidas de meninas, o aborto pode ser realizado ali mesmo, por um pagamento adicional. Evidentemente, as condições desses abortos são extremamente precárias e muitas mulheres morrem sem contar com auxílio médico adequado. Na tentativa de coibir tais práticas, o governo indiano tenta proibir a realização dos exames de ultra-som.

Com uma das maiores taxas de natalidade do mundo, o desequilíbrio entre os sexos já é motivo de preocupação para as autoridades indianas. Estudos revelam que de quinze milhões de meninas nascidas na Índia todo ano, 25% não chegará à vida adulta. Grande parte é morta ao nascer, envenenada ou sufocada por membros da família. Das que conseguem escapar da morte enquanto bebês, muitas falecem poucos anos depois em razão do excesso de trabalho doméstico e da alimentação precária. A falta de assistência médica ocorre em todo o país, mas é mais flagrante para as meninas e mulheres. Outro dado que comprova as péssimas condições de vida a que as mulheres estão submetidas pode ser atestada pelas altas taxas de suicídio. O jornal médico inglês *The Lancet* revelou que a taxa de suicídio entre meninas entre dez e dezenove anos é da ordem de 148 para cada cem mil, enquanto entre os meninos a cifra é de 58 suicídios em cada cem mil, o que contraria a média mundial, na qual meninos cometem mais suicídio do que meninas.

Na Índia, a mulher só alcança algum tipo de prestígio social se conseguir casar e tiver a “sorte” de gerar filhos homens. O casamento é ajustado entre famílias e a família da noiva é obrigada a dar o dote, uma soma em dinheiro, à família do noivo. O casamento é arranjado muito cedo pelo pai, e a menina e seu futuro marido se encontrarão somente depois de muitos anos, às vésperas do evento.

A violência doméstica é outro aspecto da dura realidade feminina na Índia, e muitas mulheres chegam a ficar incapacitadas pelo resto da vida em função dos maus-tratos praticados por pais, noivos, maridos e por outros membros da família. Mulheres surradas, queimadas, fazem parte de tristes estatísticas que todos os anos são colhidas por organizações não-governamentais e por organismos internacionais da Organização das Nações Unidas (ONU). “Acidentes” com mulheres são bastante comuns, e não raro muitas morrem em razão da brutalidade doméstica envolvendo panelas com óleo ou água quentes, derrubadas propositalmente sobre seus corpos. Ao noivo ou ao marido fica então aberta a possibilidade de procurar outra esposa e assim receber outro dote e mais presentes. É o *bride-burning* – literalmente “queima-noiva” – a que as mulheres estão submetidas.

Outro grave problema enfrentado pelas mulheres indianas é a falta de escolaridade. A educação das meninas não é prioridade e muitas passam a vida toda analfabetas e privadas de conhecimento formal. Como são consideradas um fardo pelos pais, são obrigadas a realizar longas jornadas de trabalho nos afazeres domésticos e como fiandeiras ou empregadas de fábricas locais. A grave pobreza do país obriga todos a se sujeitar a ganhar salários baixíssimos, mas as mulheres são, sem sombra de dúvida, os principais alvos da superexploração do trabalho.

A SITUAÇÃO DAS MULHERES NO AFGANISTÃO

No caso do Afeganistão, a situação também é complexa. Seu território abriga cerca de dez etnias diferentes, que mantêm rivalidades entre si. No período da Guerra Fria (1949-1989), os russos invadiram o país (para domínio do Golfo Pérsico), mas foram barrados por forças guerrilheiras afegãs, apoiadas pelos Estados Unidos. Depois de violenta guerra civil, a então União Soviética (URSS) retirou-se do Afeganistão. A guerra interna foi até 1996, quando o Talibã – grupo político e religioso – assumiu o poder do país, instaurando um clima repressor e conservador. Tal regime durou até 2001, quando foram realizadas eleições no país.

Desde que tomou o Afeganistão, em 1996, o Talibã impôs terríveis regras de comportamento às mulheres. Escolas e hospitais foram fechados e as profissionais perderam seu lugar no mercado de trabalho. Normas severíssimas quanto às vestimentas também foram instituídas e as mulheres ficaram proibidas – sob pena de sofrerem violentos castigos como espancamento e até mesmo a morte – de saírem à rua sem *burqa*, a vestimenta que as cobre da cabeça aos pés. O fundamentalismo islâmico, em sua essência, encara a mulher como um ser “sub-humano”. Nessa visão, elas servem somente para realizar serviços domésticos dentro de casa, procriar e cuidar dos filhos.

De acordo com os fundamentalistas, essas são as regras do livro sagrado dos muçulmanos, o Alcorão. Logo, eles apenas cumprem determinações religiosas, que relegam a mulher a uma posição de inferioridade em relação ao homem. Assim, supostamente amparados por leis divinas, as mulheres foram privadas do direito à educação, do direito de ir e vir, do direito à saúde, do direito ao uso do recurso legal e do direito ao exercício do trabalho. Por meio de espancamentos públicos, cujo resultado freqüente é a incapacitação e a morte, o Talibã tem calado a população civil impondo seu regime de terror às mulheres.

O Oriente Médio está presente há várias décadas nos noticiários de todo o mundo. A região fez parte do antigo Império Otomano, formado no século XIII, e que continuou a existir até o século XX, tornando-se um protetorado britânico após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Como em outras porções do globo, o processo de descolonização do Oriente Médio se deu a partir do término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e foi extremamente complexo. O Oriente Médio teve – e tem – uma história muito conturbada em razão do interesse mundial em torno do petróleo. A presença estrangeira na região leva a constantes mudanças no quadro de alianças, e é uma das muitas razões para guerras entre os vários países locais.

Num país destroçado pela guerra, a situação feminina só tem se tornado mais e mais dramática. Os estupros são freqüentes e o número de vítimas de crimes sexuais cresce sem parar. É comum que soldados violentem mulheres e até mesmo crianças em vilas e cidades.

Assim que as primeiras denúncias acerca do tratamento dado às mulheres pelo Talibã vieram a público, grupos organizados passaram a se manifestar ao redor do mundo. Nesse sentido, tem sido fundamental a contribuição da nova geração de mulheres muçulmanas para demonstrar que as regras do Alcorão em relação às mulheres são muito mais fruto da interpretação de alguns grupos de homens do que a palavra de Alá.

Em nome da fé, crimes foram e continuam sendo perpetrados contra as mulheres no mundo islâmico; em nome da tradição, a vida de gerações inteiras está sendo perdida e, baseados na mais pura intolerância, os grupos fundamentalistas islâmicos querem enterrar os avanços alcançados pelas mulheres no mundo todo. A guerra civil que hoje divide o Afeganistão, além de provocar mortes e destruir vidas, vitima inúmeras mulheres e crianças. A violência cometida pelas forças oficiais do país, pelas forças armadas norte-americanas, ainda presentes no Afeganistão, e pelos integrantes do Talibã, tem nas mulheres algumas de suas vítimas mais visadas.

O LIVRO EM SALA DE AULA

UMA VIAGEM HISTÓRICA, GEOGRÁFICA E CULTURAL

Depois do término da leitura de *Nakusha, a indesejável*, o professor pode propor algumas aulas em conjunto com os professores de história e geografia, que falem sobre aspectos das regiões da Índia e do Oriente Médio, aprofundando questões tratadas no “Dossiê: mulheres oprimidas”, que está no final do livro. O professor de artes também pode participar e apresentar aos alunos os hábitos culturais da Índia e Afeganistão, abordando a culinária, as artes plásticas e a música.

ASSISTINDO, ANALISANDO E DISCUTINDO

Após as aulas de história, geografia e artes, quando os alunos já estarão sabendo um pouco mais sobre Índia e Oriente Médio, pode-se dividir a classe em dois grupos e propor que cada um deles assista a um dos filmes a seguir:

- *Um casamento à indiana* (Mira Nair, Índia, 2001) – A trama se passa nos dias anteriores ao casamento tradicional de uma jovem com um desconhecido e mostra todos os preparativos, danças e comidas da grande cerimônia.
- *Osama* (Siddig Barmak, Afeganistão, 2003) – Mostra a vida de mulheres ante a torpeza do regime teocrático e autoritário do Talibã. Em pleno regime, uma menina é obrigada a se vestir como homem para ajudar sua família, composta apenas por mulheres.

Cada um dos filmes propostos revela diferentes faces das realidades indiana e afegã que os alunos acabaram de ler. Assim, com base na leitura de *Nakusha, a indesejável* e nos filmes, cada grupo pode organizar um pequeno seminário e expor uma comparação entre os depoimentos do livro e o que foi mostrado nos filmes.

UM ELO ENTRE A ÍNDIA, O AFGANISTÃO E O BRASIL

É importante que os alunos comparem as realidades indiana, afegã e brasileira. Mesmo sendo um país ocidental, com hábitos, sociedade e cultura completamente diversos, o Brasil também tem altos índices de violência contra a mulher.

Seria interessante que os alunos visitassem o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (www.ibge.gov.br) e selecionassem alguns dados sobre as mulheres brasileiras (participação no mercado de trabalho, escolaridade...), fazendo um exercício comparativo com as outras realidades que conheceram através do livro.

No final do dossiê, há um texto sobre a situação da mulher no Brasil, que pode ser discutido com os alunos em classe. Além da pesquisa no *site* do IBGE sugerida acima, os alunos podem fazer uma pesquisa na internet que encontre ONGs que tratem da questão de gênero e da violência contra a mulher. Abaixo, sugerimos alguns endereços que podem nortear a pesquisa.

- **CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESSORIA (CFEMEA)**

Organização não-governamental, sem fins lucrativos, que trabalha pela cidadania das mulheres e pela igualdade de gênero. O CFEMEA participa do movimento nacional de mulheres, integra articulações e redes feministas internacionais, especialmente da América Latina, além de participar de diferentes iniciativas de combate ao racismo (www.cfemea.org.br).

- **REDE MULHER DE EDUCAÇÃO**

Contribui para a formação da mulher em diversos setores no Brasil, desenvolvendo projetos educacionais (www.redemulher.org.br).

ELABORAÇÃO DO GUIA LÍLIAN LISBOA MIRANDA,
PROFESSORA-DOCTORA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO
FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ; PREPARAÇÃO RODRIGO
VILLELA; REVISÃO GISLAINE MARIA DA SILVA E CARLA
MELLO MOREIRA